



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

O PROCESSO DE DESPOVOAMENTO DA ANTIGA CAND: O CASO DOS MUNICÍPIOS DE FÁTIMA DO SUL E GLÓRIA DE DOURADOS (1970-1990)

Paulo Roberto Cimó Queiroz¹; Rafael Ramos da Silva²

UFGD – FCH, C. Postal 364, CEP 79804-970 – Dourados, MS – e-mail: pauloqueiroz@ufgd.edu.br

¹ Prof. da graduação e pós-graduação em História. ² Acadêmico PIVIC 2013-2014

RESUMO

Entre os anos de 1950 e 1970 ocorreu um surto migratório para a região sul de Mato Grosso, o que fomentou a formação de vários núcleos urbanos na região. Este surto, por sua vez, apresenta suas origens durante o período do Estado Novo, com a criação, pelo governo Vargas, da política de colonização *Marcha para o Oeste*, com a qual se desencadeou a Colônia Agrícola Nacional De Dourados (CAND). Entretanto, com o mesmo vigor com que se viu povoar o meio rural da CAND, a partir do final dos anos 60 essa mesma população rural entrou em declínio. Segundo a bibliografia, esta situação teve como uma de suas causas a introdução, na região, da monocultura da soja, a partir de 1968, num processo caracterizado pela modernização das técnicas agrícolas e pela intensificação da presença do capital no campo, bem como pela vinda de numerosos agricultores capitalizados vindos do sul do Brasil. Com a conseqüente valorização das propriedades rurais da região, o pequeno produtor viu reduzir-se suas chances de acesso à terra e acabou novamente rumo a novas rotas migratórias. O presente trabalho buscou compreender esse processo nos municípios de Fátima do Sul e Glória de Dourados, durante o período de 1970 a 1990. Para tanto, além de material bibliográfico, foram utilizados dados censitários do IBGE (recenseamentos demográficos e agropecuários dos dois municípios). Esses dados confirmam a drástica redução da população rural nos dois municípios; no entanto, eles também sugerem que a introdução da soja e a mecanização da agricultura não se constituíram enquanto elementos únicos para o “despovoamento” da região.

Palavras-chave: Mato Grosso do Sul; Migrações; Êxodo rural

INTRODUÇÃO

No final da década de 30 o Brasil encontrava-se sob a política do Estado Novo, surgida a partir do golpe de Estado organizado pelo Presidente da República Getúlio Vargas, cujo objetivo consistia em criar um país “novo”, e com novos valores culturais, políticos e econômicos (PONCIANO, 2002, p. 133). Como perspectiva ideológica desse governo, um dos caminhos para o progresso nacional estaria na efetiva ocupação e integração das várias regiões do interior do país.

A principal mudança ocorrida a partir de 1930 foi em relação ao modelo econômico do país, passando de um modelo agrário-exportador para urbano-industrial; no entanto, tais modificações políticas e econômicas atingiram também o campo. Nesse contexto, o Governo Vargas implantou a campanha *Marcha para Oeste*, que desencadeou um processo de ocupação do “vazio” demográfico com o desenvolvimento econômico regional e incentivo ao desenvolvimento industrial.

O apelo ao patriotismo para a construção da nação marcou a era Vargas, que se utilizou da mídia para convocar os trabalhadores à conquista do território nacional por meio das Colônias Agrícolas Nacionais – CAN’s. Dessa forma, no extremo sul de Mato Grosso, tal projeto civilizador se delineou melhor com a criação, em 1944, da Colônia Agrícola Nacional de Dourados (CAND), responsável por mudar tanto o cenário urbano quanto o rural da região (LENHARO, 1986, p. 66).

Com a CAND a região sul de Mato Grosso logo passou por um grande “surto migratório”, principalmente o município de Dourados. Conseqüentemente, ocorreu um notável desenvolvimento econômico, e todo este avanço só foi possível devido à ação dos migrantes de todas as partes do país, que vinham em busca de terra e de oportunidades de trabalho.

Utilizando conceitos elaborados por José de Souza Martins, a autora Ana Paula Menezes escreve que o imaginário dos colonos que se encaminhavam a essas novas terras indicava características de uma *frente de expansão*, porém, a verdade é que estavam inseridos em uma *frente pioneira*, que por sua vez estava ligada ao rápido processo de desenvolvimento industrial da região Sudeste do Brasil (MENEZES, 2010, p. 95).

Inicialmente é preciso destacar que, a partir do final dos anos 40, intensifica-se a chegada do migrante para a área da CAND; eram, sobretudo, procedentes do Nordeste brasileiro, dos quais muitos já haviam passado pelo interior do estado de São Paulo (PONCIANO, 2002, p. 140). Entre as décadas de 50 e 60, o número de habitantes gradualmente se multiplicou, dando inclusive origem, na área da CAND, a vários núcleos urbanos, os quais, em seguida, se tornaram sedes de novos municípios; foi o caso, entre outros, de Fátima do Sul e Glória de Dourados.

Entretanto, com a mesma velocidade com que se viu povoar o meio rural da CAND, a partir do final dos anos 60 essa mesma população rural entrou em declínio. De acordo com uma análise bastante conhecida, esta situação teria tido como uma das causas principais a introdução, no país e região, da monocultura da soja, conforme observam Tetila et al:

A partir de 1968 [...], com a penetração da monocultura da soja, esta população rural foi duramente afetada em seu crescimento. Só na década de 1970/80, a região perdeu nada menos de 52.774 habitantes rurais. De 1980 para cá, esta perda de população rural vem sendo ainda mais intensificada. (TETILA et al, 1986, p. 37).

Discutiremos mais adiante, neste trabalho, os contornos da presença da soja na região da antiga CAND. De todo modo, é certo que o esvaziamento populacional aí verificado ganha um especial significado pelo fato de que essa região havia chegado a exibir uma população rural das mais densas do país. Dentre as causas que motivaram esse êxodo rural, apontam-se os reflexos de um modelo agrícola monocultor e exportador, impulsionado no país pela onda de “modernização” agrícola, caracterizada pela intensificação da presença do capital no campo, com vistas a equilibrar a balança comercial brasileira mediante o aumento da exportação de produtos primários. Nessa nova onda, destacaram-se os chamados “granjeiros”, isto é, agricultores capitalizados vindos da região sul do Brasil, os quais passaram a dedicar-se à referida monocultura da soja.

Nesse pensamento econômico agrícola nacional, podemos concluir que exportar seria o mais importante, sendo assim, com a brusca valorização das terras da região, o pequeno produtor viu reduzir-se suas chances de acesso à terra e acabou novamente rumo a novas rotas migratórias (cf. TETILA et al.; QUEIROZ, 1998).

Sabe-se, de fato, que boa parte dos antigos moradores da zona rural da CAND, ex-proprietários de lotes ou não, encaminharam-se para núcleos urbanos mais próximos, como Fátima do Sul, Dourados e Glória de Dourados, ou relativamente distantes, como Campo Grande, e até mesmo para outros estados, como Mato Grosso e Rondônia.

Entretanto, a despeito de sua importância, tal processo ainda não tem sido objeto de estudos sistemáticos, especialmente no campo historiográfico. De fato, o que se tem a esse respeito, até o momento, são algumas indicações em trabalhos da área da Geografia e Economia.

MÉTODOS E FONTES

Nesta pesquisa foram utilizadas fontes documentais e bibliográficas. A bibliografia foi basicamente composta de livros e artigos disponíveis no Centro de Documentação Regional (CDR) da Faculdade de Ciências Humanas da UFGD e artigos científicos na área de economia disponíveis na internet, em sites acadêmicos como Scielo.

As fontes documentais, disponíveis no próprio CDR ou no site do IBGE, consistiram principalmente em:

- 1) Censos demográficos decenais realizados pelo IBGE nos anos de 1970, 1980 e 1991.
- 2) Censos econômicos agropecuários realizados também pelo IBGE nos anos de 1970, 1975, 1980 e 1985.

Esclarecemos que, a fim de favorecer a comparação entre os resultados verificados nos diversos anos censitários, decidimos incluir na análise os dados referentes a municípios que, no decorrer do período analisado, vieram a ser desmembrados tanto de Fátima do Sul como de Glória de Dourados (explicações mais detalhadas a esse respeito constam nas tabelas onde são apresentados os dados, cf. adiante neste trabalho).

A princípio foi pretendido utilizar depoimentos orais de migrantes e/ou membros de famílias que permaneceram na região, mas que tiveram parentes, amigos ou conhecidos que migraram para outros lugares, para que pudessem ser investigados, dessa forma, os motivos e circunstâncias para tal mudança. No entanto, não foi possível realizar tais entrevistas devido à escassez de tempo. Fica, portanto, o uso da fonte oral como uma possibilidade para projetos futuros acerca do tema.

TRANSFORMAÇÕES E IMPACTOS:

A MODERNIZAÇÃO DA AGRICULTURA A PARTIR DE 1970

A partir do final dos anos 60, um novo movimento no fluxo migratório para a região Centro-Oeste (especialmente no então sul de Mato Grosso), composto sobretudo de sulistas (catarinenses, paranaenses e gaúchos) proporcionou a intensificação de novos produtos, como a soja, no cenário agrícola. Com isso, vieram também o capital e a experiência necessária para tal atividade, alterando o quadro de produção de produtos tradicionais, como o arroz e milho, e provocando transformações no quadro social, como a expulsão do homem do campo.

A velocidade dessa ocupação foi acelerada a partir de 1970 com uma intensa política de expansão da fronteira agrícola, vendo os cerrados como uma nova fronteira para exploração da pecuária e da agricultura. Foi um momento que transformou a região, por conta do grande fluxo migratório. Essa ocupação esteve ligada à rápida modernização da agricultura, para cultivos comerciais, através da mecanização e da aplicação de insumos modernos, sem qualquer preocupação com os aspectos sociais e ambientais.

Segundo um autor citado por Lima, “toda essa transformação preparou o Centro-Oeste para uma nova mudança, que foi a modernização (mecanização) agropecuária das décadas de 1970 e 1980, o que permitiu o incremento nas exportações de grãos [...]” (apud LIMA, 2011, p. 25). Enquanto o crescimento da produção agrícola no Brasil se dava, basicamente, até a década de 50, através da expansão da área cultivada, a partir da década de 60 o uso de máquinas, adubos e defensivos químicos, vieram somar no aumento da produtividade agrária.

Desse modo, uma das mudanças foi a da base técnica e, especialmente, das relações sociais envolvidas na produção, que passam a definir o processo conhecido por estudiosos como *modernização da agricultura brasileira*:

Entender, portanto, a modernização da agricultura brasileira como uma simples mudança da base técnica é simplificar, em muito, o seu significado. É importante levar em consideração que a agricultura brasileira sempre se apresentou, ao longo da sua história, subordinada à lógica do capital, sendo um setor de transferência de riquezas. Assim sendo, dentro do seu processo de modernização deve-se dar significado maior à sua transnacionalização e à sua inserção na divisão internacional do trabalho ou, ainda, à penetração do modo de produção capitalista no campo brasileiro (AGUIAR, 1986).

A modernização agrícola concentrou-se nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste do Brasil e na monocultura de produtos exportáveis, como soja e cana-de-açúcar. Além disso,

apesar de serem grandes os impactos ambientais advindos com a modernização, o caráter mais doloroso de tal transformação diz respeito aos impactos sociais no campo.

As terras, que, em um primeiro momento, durante a colonização do “vazio demográfico” na região central brasileira, foram ocupadas pelos pequenos produtores familiares, aos poucos passaram a ser incorporadas pelos grandes proprietários. A terra tornou-se um atrativo econômico de grande rentabilidade, visto que esta era a condição primordial de acesso ao crédito, pois quanto mais terra, maior era a facilidade de crédito e maiores os ganhos especulativos.

Para Martine, a mecanização promoveu uma verdadeira expulsão do homem do campo e no período de seu auge no processo, entre 1970 e 1980, milhões de pequenos produtores foram “expulsos” de suas terras. Sem terra e sem emprego suficiente para todo o contingente que perdia suas terras, uma das soluções foi vender a força de trabalho para as áreas metropolitanas, aumentando dessa maneira consideravelmente o êxodo rural (1990).

Sendo assim, o modelo de modernização da agricultura implantado no Brasil, a partir de 1970, foi inadequado à realidade brasileira, não considerando as condições sociais daqueles que viviam no campo. Embora uma quantidade expressiva da população rural tenha migrado para a cidade, os dados econômicos evidenciam que tal transformação alcançou bom desempenho quando em relação ao lucro e produtividade.

FÁTIMA DO SUL E GLÓRIA DE DOURADOS:

TRANSFORMAÇÕES POPULACIONAIS

O processo migratório nas décadas de 1970 e 1980 esteve sujeito a transformações graças à entrada de capital na agricultura, desencadeando mudanças nas relações sociais e nas atividades econômicas. Observa-se que, a partir da década de 1970, a modernização do campo passou a expulsar sua mão-de-obra. Esses trabalhadores rurais ou foram para as cidades, já que o número de habitantes dos núcleos urbanos aumentou gradativamente, ou migraram para áreas rurais em outros estados.

Embora a migração rural para as cidades, ao longo do século XX, tenha sido crescente, a partir de 1960 ela se acelerou, e as décadas de 1960 e de 1970 apresentaram as maiores taxas de êxodo rural. Ao longo da década de 1970, no Brasil, a população urbana ultrapassou

a população rural, esse fato ocorreu singularmente em todo o cenário nacional (LIMA, 2011, p. 100).

No caso do município de Fátima do Sul, como mostra a Tabela 1, comparando os anos de 1970 e 1991, sua população rural foi reduzida em 72,3%, ou seja, se no ano de 1970 contava com uma densa população rural de 31.692 habitantes, correspondendo a 77,5% do total, no início da década de 90 foram recenseados apenas 8.846 moradores do campo, equivalentes a 30% da população total.

Tabela 1 – População do município de Fátima do Sul nos anos de 1970, 1980 e 1991, segundo os distritos e a situação do domicílio

Distritos	1970			1980			1991*		
	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural	Total
Fátima do Sul (sede)	7.212	5.782	12.994	12.180	2.095	14.275	14.570	2.208	16.778
Vicentina	2.009	25.990	27.999	2.267	9.272	11.539	3.634	3.639	7.273
Culturama	-	-	-	2.126	5.718	7.844	2.363	2.999	5.362
Total:	9.221	31.692	40.913	16.573	17.085	33.658	20.567	8.846	29.413

Fonte: IBGE – Censos Demográficos.

* Os dados do ano de 1991 incluem aqueles referentes ao município de Vicentina, desmembrado de Fátima do Sul no ano de 1987.

Observa-se que, em termos percentuais, esse decréscimo da população rural foi mais ou menos constante ao longo do período. De fato, em 1980 a população rural representava 54% daquela que havia sido registrada em 1970, enquanto que em 1991 ela representava 51,8% da registrada em 1980. Em números absolutos, contudo, a redução foi muito mais drástica na década de 1970, ou seja, entre os censos de 1970 e 1980: nesse período, 14.607 pessoas deixaram a área rural, contra “apenas” 8.239 na década seguinte (entre os censos de 1980 e 1991).

É curioso observar que a maior parte da perda de população rural corresponde ao antigo distrito de Vicentina, emancipado de Fátima do Sul em 1987. De fato, considerando-se o distrito-sede de Fátima do Sul mais o novo distrito de Culturama (que já aparece no censo de 1980), a população rural, em 1991 (5.207), é aproximadamente a mesma que havia em 1970 (5.782).

Por outro lado, houve um significativo crescimento da população urbana, que passou de 9.221 habitantes em 1970 para 20.567 em 1991, ou seja, um aumento de 123%.

Portanto, pode-se deduzir que pelo menos uma parte das pessoas que deixaram a área rural migrou para as áreas urbanas do próprio município. Mesmo assim, resta um grande

contingente que se deslocou para outros locais, pois, entre 1970 e 1991, a população rural perdeu 22.846 habitantes, enquanto a população urbana ganhou apenas 11.346.

De acordo com a tradição oral, isto é, as informações que circulam livremente entre os atuais moradores da região, o que se sabe é que o referido saldo migratório se dirigiu para outros destinos, sejam núcleos urbanos mais próximos ou relativamente distantes, como Dourados e Campo Grande, sejam outros estados, como Mato Grosso, Rondônia etc.

Com relação à população urbana do distrito-sede (Fátima do Sul), percebe-se que seu crescimento mais notável ocorreu entre 1970 e 1980: de 17,6% da população total, em 1970, ela salta para 36,2% em 1980 (o que corresponde a um crescimento de 69%). Já na década seguinte, o crescimento foi de apenas 19,6%.

Assim como Fátima do Sul, o município vizinho de Glória de Dourados sofreu, durante as mesmas décadas, com a diminuição populacional total bem como o processo de êxodo rural. De acordo com a Tabela 2, o distrito-sede teve sua população urbana quase dobrada, o que não representa um valor expressivo já que estamos falando de duas décadas, e de uma população total inicial superior a quarenta mil habitantes.

Tabela 2 – População do município de Glória de Dourados nos anos de 1970, 1980 e 1991, segundo os distritos e a situação do domicílio

Distritos	1970			1980*			1991*		
	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural	Total
Glória de Dourados (sede)	4.494	14.843	19.337	7.532	6.369	13.901	7.714	2.951	10.665
Lagoa Bonita	1.068	13.676	14.744	-	-	-	-	-	-
Porto Vilma	548	3.343	3.891	-	-	-	-	-	-
São Sebastião do Guiraí	339	2.761	3.100	-	-	-	-	-	-
Guaçulândia	-	-	-	435	1.175	-	275	559	834
Nova Esperança	-	-	-	-	912	912	-	387	387
[Deodápolis]	-	-	-	7.396	10.949	-	8.927	4.764	13.691
Total:	6.449	34.623	41.072	15.363	19.405	34.768	16.916	8.661	25.577

Fonte: IBGE – Censos Demográficos.

*Os dados dos anos de 1980 e 1991 incluem aqueles referentes ao município de Deodápolis, desmembrado de Glória em 1976.

Comparando-se o levantamento demográfico nos três anos censitários, observa-se que o primeiro censo demonstra uma expressão significativa de pessoas no campo, já que estamos falando de 84,3% da população total. No ano censitário seguinte (1980), com 55,8%, a população rural encontra-se um pouco mais equilibrada em relação à urbana. Por fim, no censo de 1991, com uma população rural representando apenas 33,9% do total, observa-se que os núcleos urbanos quantificam a concentração majoritária do número de habitantes.

Além disso, assim como no caso de Fátima do Sul, o município de Glória de Dourados¹ sofreu uma diminuição absoluta do número total de habitantes entre 1970 e 1991: nesse último ano censitário, a população total representava apenas 62,3% do total registrado em 1970.

Nesse contexto, a população rural decresceu em 25.962 habitantes, enquanto a população urbana ganhou apenas 10.467. Vale notar que, assim como no caso anterior, a redução da população rural, em números absolutos, foi mais notável na década de 1970 (perda de 15.218 habitantes, contra uma perda de 10.744 entre 1980 e 1991).

Dessa forma, podemos constatar que, assim como no caso de Fátima do Sul, uma grande parcela populacional não migrou para os núcleos urbanos ali dispostos, reforçando a ideia que esse contingente deve ter se deslocado para cidades maiores ou para outros lugares (podendo, nesse último caso, ter continuado a exercer atividades ligadas ao campo).

Tanto no caso de Fátima do Sul como no de Glória de Dourados, podemos sugerir que a procura pelas cidades teve a ver, pelo menos em parte, com a busca de uma melhora para a vida cotidiana, visto que, diferentemente do campo, as cidades disponibilizavam alguns tipos de serviços, propiciadores de maior conforto, além do acesso à educação.

FÁTIMA DO SUL E GLÓRIA DE DOURADOS: TRANSFORMAÇÕES AGRÍCOLAS

A cultura da soja está em crescimento constante no Brasil desde a década de 1960, passando de 1.319 mil hectares de área colhida em 1965 para 20.565 milhões de hectares em 2007 (LIMA, 2011, p. 73). Tal crescimento ocorrido ganha um olhar especial, visto que na Região Centro-Oeste foi ainda maior: na década de 1960, por exemplo, não havia sequer uma unidade de milhar em hectares de área colhida.

De acordo com Tetila et al, acredita-se que, com a introdução da monocultura da soja, não foi preciso mais que uma década para que a população urbana viesse ultrapassar a população rural na região que correspondeu à antiga CAND (1986, p. 37). Entretanto, como

¹ Considerando também, como já foi explicado, os dados referentes a Deodápolis.

podemos ver na Tabela 3, a soja levou mais que uma década para se tornar a principal cultura no município de Fátima do Sul.

Tabela 3 – Município de Fátima do Sul: quantidade produzida e área cultivada das principais culturas agrícolas – 1970, 1975, 1980 e 1985

Produtos	1970		1975		1980		1985	
	Quant. (t)	Área (ha)						
Algodão	8.947	7.199	6.694	5.549	14.564	8.655	-	-
Arroz em casca	2.617	2.029	2.890	2.453	706	595	1.766	1.169
Café	177	353	768	987	609	933	490	431
Cana-de-açúcar	600	42	-	-	314	10	38	2
Feijão em grão	291	779	271	671	3.627	6.667	4.167	8.968
Milho em grão	2.554	2.017	6.607	4.182	2.063	1.493	1.394	1.272
Soja em grão	803	616	3.565	1.798	9.547	4.230	15.159	7.058

Fonte: Censos Agropecuários IBGE.

De fato, ainda em 1980, embora se observe um grande aumento da soja, registra-se também um acréscimo de uma cultura “tradicional” na região, ou seja, o algodão. O milho, outra cultura tradicional, tem uma queda não muito significativa, enquanto outra cultura tradicional – o feijão – apresenta um crescimento ainda mais notável que aquele do algodão.

São, portanto, os dados referentes a 1985 que evidenciam, com maior clareza, o grande aumento da produção da soja: percebe-se que a quantidade produzida no ano de 1985 chega a ser quase vinte vezes maior do que a do ano de 1970. Os mesmos dados evidenciam o grande salto de produtividade no cultivo da soja: em 1985 produziam-se 2,1 toneladas por hectare, enquanto em 1970 essa relação era de 1,3 ton./ha.

Os dados de 1985 evidenciam também, ao mesmo tempo, o declínio das culturas “tradicionais” da região: o arroz e o milho reduzem sua participação, enquanto o algodão – a principal cultura existente em 1970 – simplesmente desaparece. Um dado, contudo, chama a atenção: a produção de feijão mantém sua tendência de crescimento e apresenta, em 1985, seus melhores resultados entre os quatro anos censitários considerados.

Essas transformações não foram nada mais do que resposta às necessidades do capitalismo. Em âmbito nacional, costuma-se apontar que um de seus impactos negativos foi no que diz respeito à produção de alimentos, isto é: à medida que o agricultor capitalista tomou espaço no campo, e com a incorporação de mais e mais terras nas monoculturas de exportação, áreas ocupadas com o cultivo de alimentos acabaram sendo reduzidas. Contudo, no caso específico do município de Fátima do Sul, no período analisado, esse processo

apresenta contornos particulares: se é verdade que a produção de arroz vem numa trajetória de queda, a do feijão, como foi dito acima, cresce consideravelmente.

Por ser região limítrofe com o município de Fátima do Sul, Glória de Dourados apresentou dados semelhantes em relação ao comportamento das principais culturas agrícolas, embora o município de Fátima do Sul apresentasse números mais expressivos com relação ao cultivo da soja (cf. Tabela 4).

Tabela 4 – Município de Glória de Dourados: quantidade produzida e área cultivada das principais culturas agrícolas – 1970, 1975, 1980 e 1985

Produtos	1970		1975		1980*		1985*	
	Quant. (t)	Área (ha)						
Algodão	8.613	7.581	3.010	2.742	2.509	1.707	-	-
Arroz em casca	2.345	3.029	2.906	3.620	382	439	507	631
Café	508	763	1.929	2.711	566	2.136	599	1.079
Cana-de-açúcar	450	32	-	-	345	6	296	19
Feijão em grão	328	972	315	847	338	486	2.576	5.687
Milho em grão	3.963	3.609	5.315	4.799	1.218	1.070	2.094	1.959
Soja em grão	114	155	333	207	405	188	4.217	2.363

Fonte: Censos Agropecuários IBGE.

*Os dados dos anos de 1980 e 1985 incluem aqueles referentes ao município de Deodópolis, desmembrado de Glória de Dourados em 1976.

Na verdade, no caso de Glória de Dourados, é apenas em 1985 que a soja vai aparecer com real significado. Na década de 1970 o que se observa é uma tendência de queda ou estagnação das culturas tradicionais, mas sem que a soja venha a ocupar um maior espaço.

Em apenas 5 anos, contudo, a produção de soja dá um salto: tanto a quantidade produzida quanto a área ocupada multiplicam-se mais de 10 vezes. E, assim como em Fátima do Sul, o algodão desaparece, enquanto o feijão (que, antes, era quase inexpressivo) aparece em 1985 com grande destaque e o milho mantém ainda uma importante representatividade no conjunto da produção do município.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo que de forma embrionária, entendemos que esta pesquisa nos permitiu dizer que a modernização da agricultura, juntamente com a introdução da monocultura da soja, foram responsáveis pelo processo de êxodo rural e crescimento dos núcleos urbanos por ali dispostos na região da antiga CAND. Tal observação se faz, uma vez que pelo menos em 20

anos a região apresentou um intenso ritmo de urbanização, e que outros fatores podem ter influenciado na aceleração do processo de despovoamento.

No decorrer da pesquisa, como já foi dito, não foi possível realizar as entrevistas projetadas. Mesmo assim, partindo de algumas leituras bibliográficas, além da observação direta na região, especula-se que muitas famílias com pequenas propriedades não conseguiram a permanência dos filhos na própria terra, devido à pequena extensão dos lotes. Além disso, pessoas vindas do sul do Brasil traziam consigo o dinheiro e a experiência com o plantio da nova cultura. Além disso, as cidades ofereciam outros trabalhos e oportunidades, como o acesso e continuidade nos estudos para os filhos.

Enfim, outro possível apontamento surgido durante a pesquisa é que o processo de saída da zona rural fez com que os pequenos proprietários se aglomerassem nos pequenos centros dos municípios do interior (no caso, Fátima do Sul e Glória de Dourados), havendo dessa maneira um esvaziamento significativo das propriedades de pequenos agricultores rurais do município. Nossa proposta foi buscar entender que tal modernização esteve vinculada à urbanização, podendo-se afirmar que não há como separar esse dois processos.

Com base nas leituras bibliográficas, chegamos à conclusão de que a modernização no meio rural permitiu uma expansão para os centros urbanos. Entretanto, existe a necessidade, para uma futura pesquisa, de identificar outros fatores que influenciaram no processo do êxodo rural. Certamente, os dados do recenseamento, ou melhor, as informações estatísticas disponíveis permitem inferir que no decorrer de vinte anos, a introdução da soja e a mecanização da agricultura não se constituíram enquanto elementos únicos para o “despovoamento” da região.

Não foi possível identificar e analisar outras razões que levaram essa população rural a “abandonar” a região. Um possível fator pode ter sido a divisão do estado, com a criação de Mato Grosso do Sul: sabe-se que, ao transformar-se em capital, a cidade de Campo Grande passou a atrair pessoas vindas das mais diferentes regiões do estado e do país. Daí vem a necessidade de, em um futuro projeto, tanto identificar como analisar a influência desse acontecimento histórico.

REFERÊNCIAS

Bibliografia

AGUIAR, Ronaldo Conde. *Abrindo o pacote tecnológico: Estado e pesquisa agropecuária no Brasil*. São Paulo: Polis; Brasília: CNPq, 1986, 160p.

ALBERTI, Verena [2004]. *Manual de História Oral*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004.

LENHARO, Alcir [1986]. *Colonização e trabalho no Brasil: Amazônia, Nordeste e Centro Oeste*. Campinas, Unicamp, 1986.

LIMA, Pedro Ramos. *O Cerrado goiano e o agronegócio: As transformações e consequências de 1970 a 2010*. 2011. 131f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Planejamento Territorial) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiânia. 2011.

LUCA, Tânia R. de [2006]. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 111-153.

MARTINE, G. Fases e faces da modernização agrícola brasileira. *Planejamento e Políticas Públicas*, v.1, n.3, p.3-44, jun. 1990.

MENEZES, Ana Paula [2010]. Colônia Agrícola Nacional de Dourados: considerações acerca do desenvolvimento da agricultura e da exploração da madeira em uma área de frente pioneira (1940-1970). In: ENCONTRO DE HISTÓRIA DE MATO GROSSO DO SUL, 10, Três Lagoas, jul. 2010. *Anais...* Três Lagoas: ANPUH/MS, 2010. p. 91-107.

NAGLIS, Suzana Gonçalves Batista. “Marquei aquele lugar com o suor do meu rosto”: os colonos da Colônia Agrícola Nacional de Dourados – CAND (1943-1960). 2007. Dissertação (Mestrado em História) –UFGD, Dourados.

OLIVEIRA, Benícia Couto de. *A política de colonização em Mato Grosso (1937-1945)*. 1999. Dissertação (Mestrado em História) – FCL/UNESP, Assis.

PONCIANO, Nilton P. [2002] Um rio no meio do caminho: aspectos históricos de Fátima do Sul. *Fronteiras: revista de História*, Campo Grande, v. 6, n. 12, p. 131-153, jul./dez. 2002.

QUEIROZ, Paulo Roberto Cimó [1998]. Breve roteiro das transformações no campo sul-mato-grossense entre 1970 e 1985. *Revista de Geografia*, Campo Grande: Ed. UFMS, p.33-40, jul./dez. 1998.

TETILA, José Laerte C.; MIYASHIRO, Ana Youko; COSTA, Euzanete Medeiros da [1986]. O impacto da soja ao sul de Mato Grosso do Sul: problemas da terra e do homem. Campo Grande: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 1986. Separata da *Revista Científica e Cultural*, Campo Grande, v. 1, n. 1, p. 31-53, 1986.

Documentos

Censos Demográficos dos anos de 1970, 1980 e 1991 (IBGE).

Censos Agropecuários dos anos de 1970, 1975, 1980 e 1985 (IBGE).